



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD): UM RECURSO FACILITADOR DA
APRENDIZAGEM DA (RE)ESCRITA TEXTUAL**

ERICA SORAIA MAIA DE LIMA

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2019**

ERICA SORAIA MAIA DE LIMA

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD): UM RECURSO FACILITADOR DA
APRENDIZAGEM DA (RE)ESCRITA TEXTUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades DHA -, CAMPUS IV, CCHA, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.
Orientador: Prof. Dr. Rafael José de Melo.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732s Lima, Erica Soraia Maia de.
Sequência didática (SD): um recurso facilitador da aprendizagem da (re)escrita textual [manuscrito] / Erica Soraia Maia de Lima. - 2019.
21 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Rafael José de Melo, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."
1. Gêneros textuais. 2. sequência didática. 3. ensino. I.
Título

21. ed. CDD 371.225

ERICA SORAIA MAIA DE LIMA

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD): UM RECURSO FACILITADOR DA
APRENDIZAGEM DA (RE)ESCRITA TEXTUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades DHA -, CAMPUS IV, CCHA, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rafael José de Melo

APROVADO EM: 19 de março de 2019.



Prof. Dr. Rafael José de Melo
Orientador - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes
Examinadora - UEPB/CAMPUS IV



Prof. Ms. Henrique Miguel de Lima Filho
Examinador – UFPB

Agradeço

A Deus por ter me dado sabedoria, força e saúde. A ti senhor, ofereço toda minha gratidão. Obrigada por nunca me abandonar e sempre me conduzir no caminho do bem;

Aos meus pais, Maria Diva Zuza Maia de Lima e Odilon Lira de Lima, por toda orientação em minha vida e estarem comigo em todos os momentos. Agradeço todos os dias pois não seria a mesma se não fossem o incentivo, o amor e o apoio que tenho recebido durante todos os dias;

Às minhas irmãs, Iara e Larissa, que sempre estiveram ao meu lado sempre me apoiando, aconselhando e acima de tudo demonstrando amor e preocupação. Vocês são o que chamo de presente de Deus;

Ao meu esposo, Ritchie por me dá força para superar as dificuldades. Você é um amigo e um companheiro que sempre acreditou em mim;

A minha amiga e parceira, Julia Mendes, que esteve ao meu lado durante toda essa jornada acadêmica e que levarei para sempre em minhas lembranças e memórias. Obrigada por todos os conselhos, apoio e amizade sincera;

Ao meu orientador Rafael Melo, um agradecimento especial, que está sempre em busca de novos conhecimentos e comprometido com seu trabalho. Sempre zelando por uma educação de qualidade;

À banca examinadora professores Henrique Miguel e Marta Nunes. Obrigada por compartilharem deste momento tão importante;

Aos meus amigos da universidade que levarei para sempre em minha vida: Elane, Glênio e Caique, vocês serão guardados eternamente no meu coração. Obrigada pela amizade, por todas as risadas e por compartilharem momentos importantes e comigo;

À Rita de Cássia, a Juliana e a Wesley por terem estado ao meu lado ao longo da jornada acadêmica;

A UEPB que contribuiu para o meu crescimento pessoal e acadêmico, especialmente aos mestres do conhecimento que contribuíram de forma significativa para o meu crescimento intelectual;

Aos meus colegas do curso, turma 2013.2, que se fizeram presentes durante essa jornada de aprendizagem;

Enfim, a todos que direta e indiretamente contribuíram de alguma forma para eu chegar ao término deste Curso Superior, meu muito obrigada. Que direta e indiretamente

contribuíram de alguma forma para eu chegar ao término deste Curso Superior, meu muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fazer um debate reflexivo sobre o uso dos gêneros textuais e das Sequências Didáticas no Ensino da Educação Básica, como recurso para o ensino da Língua Portuguesa, visto que este recurso é uma ferramenta que proporciona para o docente diferentes possibilidades de atuação em sala de aula, tendo em vista que a construção textual é um procedimento que necessita de atenção, desta forma, a utilização da SD permite que o educando construa e desconstrua o seu texto, com contribuições e modificações quando necessário, o que torna este aluno capaz de conhecer o objeto de produção. Neste sentido, aborda os gêneros textuais em sala de aula através de SDs é contribuir para o desenvolvimento de uma educação comprometida assim sendo, os resultados da reflexão aqui feita, apontam que a produção textual de diversos gêneros em sala de aula enriquece o sujeito, uma vez que ele será capaz de adequar o seu texto às estruturas linguístico-discursivas e conseqüentemente o seu discurso em diversas situações comunicativas. Dessa maneira, temos como suporte teórico MARCUSCHI (2008), KOCH (2008 e 2009), BAKHTIN (1997), DOLZ (2004), os quais trouxeram inúmeras contribuições para nossa pesquisa.

Palavras-chave: Gêneros textuais; sequência didática; ensino.

ABSTRACT

This work aims to make a reflexive debate about the use of textual genres and the Didactic Sequences in Basic Education, as a resource for the teaching of the Portuguese Language, since this resource is a tool that provides the teacher with different possibilities of action in the classroom, given that textual construction is a procedure that requires attention, in this way, the use of SD allows the learner to construct and deconstruct their text, with contributions and modifications when necessary, which makes this student able to know the object of production. In this sense, it addresses in the classroom the textual genres through SDs is to contribute to the development of a committed education, so the results of the reflection made here show that the textual production of several genres in the classroom enriches the subject, a instead he will be able to adapt his text to the linguistic-discursive structures and consequently his discourse in diverse communicative situations. In this way, we have as theoretical support MARCUSCHI (2008), KOCH (2008 and 2009), BAKHTIN (1997), DOLZ (2004).

Keywords: Textual genres; following teaching; teaching.

1 INTRODUÇÃO

Ao seguir o conceito base, abordado por Luiz Antônio Marcushi (2008), de que os gêneros textuais são as mais diversas produções tanto orais como escritas, que veiculam em nossa sociedade como produto da comunicação, podemos compreender que a utilização em sala de aula dos gêneros orais e escritos podem proporcionar o desenvolvimento das competências linguístico-comunicativas e discursivas, visto que a comunicação está fundamentada nos gêneros, os quais são infinitos e podem ser trabalhados em sala de aula de inúmeras formas pelo professor.

A utilização dos gêneros textuais no contexto educacional, a exemplo das atividades do Estágio Supervisionado III, na sala de aula do 3º ano do Ensino Médio da escola Estadual Obdúlia Dantas, pudemos perceber que o trabalho com os gêneros textuais é muito significativo. Dessa forma, durante o Estágio percebemos que o modo como os alunos não compreendiam, não identificavam, tampouco conheciam os gêneros textuais, encadeou certa dificuldade na hora de desenvolver a compreensão de um e outro conteúdo, pela perspectiva discursivo-textual, a citar, regência e concordância, que ocasionassem uma aprendizagem a partir da linguagem em uso.

Outro ponto de inquietação nossa a partir da linguagem em uso foi a dificuldade que os alunos demonstraram em relação à escrita, à estrutura e à função do gênero redação escolar durante aquelas aulas. Estas envolviam desde a organização até a interpretação e a sua função social de um texto produzido para um interlocutor específico, o professor. Isso nos despertou para a necessidade de se refletir acerca da temática dos gêneros textuais, seu ensino atrelado à a Sequência Didática (SD).

Por este lado, a utilização de uma metodologia que busque o desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para formação de alunos críticos e reflexivos, se tornou um dos principais objetivos do professor que pauta seu ensino no modelo sociointecacionista. Dessa forma, uma abordagem que envolva os gêneros textuais em sala de aula tornou-se de suma relevância para se trabalhar diversas situações comunicativas, e por consequente, as tipologias textuais, uma vez que, através do estudo com gêneros textuais podemos contemplar as duas modalidades do uso das linguagens oral e escrita.

O processo da Sequência Didática envolve uma prática que possibilita como já ressaltamos a interação dos conhecimentos por intermédio das oficinas que são desenvolvidas para solucionar cada “problema” detectado na fase inicial da SD. Dessa forma, a utilização de

um gênero textual para o processo da Sequência Didática é uma estratégia de ensino voltada ao aprendizado do progresso do aluno na construção de um saber.

Dessa maneira, temos como suporte teórico MARCUSCHI (2008), KOCH (2008 e 2009), BAKHTIN (1997) e DOLZ (2010), dentre outros autores que possibilitam nossa reflexão crítica neste trabalho.

Assim sendo, este trabalho tem como objetivo fazer um debate reflexivo sobre o uso dos gêneros textuais e das Sequências Didáticas na Educação Básica. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho interpretativa cuja metodologia foi guiada pelas leituras da literatura existente sobre a temática.

2 A NOÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS

Com base nos estudos realizados acerca da temática, os gêneros textuais em suas formas orais ou escritas são a base da comunicação e da interação dos indivíduos em qualquer que seja a esfera comunicativa. Eles circulam em nossa sociedade não só como produto da comunicação, mas também como o meio da ação verbal dos sujeitos em interação, uma vez que, possibilitam a adaptação dos nossos discursos às mais diversas situações comunicativas. São inúmeros os gêneros textuais existentes. Em suas formas específicas eles são reconhecidos, por este lado, podemos dizer que não existe comunicação que não seja por meio de um gênero, seja ela oral ou escrita.

Sendo assim, Bakhtin (1997) conceitua as várias formas de enunciados/textos usados pelos sujeitos como gêneros do discurso afirmando que eles apresentam um conjunto de características relativamente estáveis: “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”, (Bakhtin, 1997, p. 280), porque as situações em que há na língua a manifestação da língua pelos indivíduos são específicas exigindo formas peculiares para cada momento de interação seja ele oral, escrito, formal, informal, dentre outros, por este caminho, o que se pode observar é que os gêneros textuais são ampliados e modificados, de acordo com cada situação, possibilitando uma melhor forma de comunicação.

As várias possibilidades comunicativas evidenciam uma pluralidade de gêneros textuais, visto que estes podem ser encontrados nas duas modalidades da língua oral e escrita, essa dimensão comunicativa é devido aos gêneros serem dinâmicos e sofrerem alterações na sua construção na medida em que eles se adaptam às nossas necessidades comunicativas, podendo resultar na elaboração de novos gêneros ou na transmutação de um gênero para outro, ou seja, a transformação de um gênero em outro, o que significa que o mesmo gênero pode assumir as características de outro ou que um gênero antigo pode ser a base para elaboração de um “novo”, podemos compreender que um gênero discursivo pode ser transformado em outro ou pode assumir a função de um outro apesar de manter a mesma estrutura, por exemplo, uma receita pode ser um poema, um anúncio, etc.

Por esta razão em meio a outras, é necessário sempre refletirmos sobre os postulados bakhtinianos acerca dos gêneros primários e secundários, os primeiros pertencem à modalidade oral da língua e fazem parte da nossa comunicação espontânea, enquanto os segundos pertencem à modalidade escrita e necessitam de uma elaboração mais complexa:

Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. (BAKHTIN, 1997, p. 282)

Quando acontece essa transmutação os gêneros primários perdem algumas de suas características e lhes são atribuídas outras, o que os tornam gêneros secundários, como por exemplo, um bilhete que é de uso rotineiro sem uma grande elaboração metalinguística, quando inserido em um romance ou em um roteiro, apresentará características diferentes e mais complexas, pois exigirá uma elaboração distinta, que concorde com o que está sendo abordado no decorrer do texto do gênero que o “absorveu”. Desse modo, o bilhete continuará tendo características específicas do seu gênero, mas também, possuirá uma nova roupagem, pois estará presente em uma estrutura de outro gênero.

As inúmeras possibilidades de utilização de um mesmo gênero em situações diversas permite que os indivíduos desenvolvam o que Koch chama de competência metagenérica, aquela que possibilita que os mesmos gêneros possam interagir de acordo com cada situação comunicativa a qual o indivíduo seja exposto. A autora afirma ainda: “todo gênero é marcado por sua esfera de atuação que promove modos específicos de combinar, indissolivelmente, conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e composição.” (Kock, 2011, p. 107).

Em consonância com os pressupostos de Bakhtin (1997) e Koch (2011), torna-se possível compreender que os gêneros discursivo plural apresentam características diferentes, porém todos apresentam três elementos comuns: tema, propósito e estilo. Desse modo, uma receita de bolo indicará o modo como devemos fazer tal alimento, ou uma bula de remédio indicará a maneira adequada para se manipular aquele medicamento. Isso acontece com os demais gêneros, mas devemos ter a compreensão de que quando o gênero assume o papel de outro ele poderá permanecer com o mesmo estilo, mas seu propósito será outro, já estará vinculado a um contexto de produção que possui suas próprias características e função social.

Uma conversa, um telefonema, uma carta, um bilhete, um seminário, um bate papo nos aplicativos como *facebook* ou *WhatsApp*, por exemplos, são considerados gêneros e estão vinculados à diversas situações comunicativas. Deste modo, podemos compreender que o falante constrói seus enunciados para determinados momentos, desta maneira, os gêneros estão em constante mudança, uma vez que o sujeito manipula seu discurso para adequá-lo à situação. Logo, o gênero é o produto deste discurso ponto, Marcuschi (2008) nomeia de hibridismo, transmutação e a assimilação de gênero por outro gerando novos, essas três

categorias ocasionam o desenvolvimento e o surgimento de novos gêneros textuais, à medida que a sociedade passa por modificações.

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na interação de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p.155)

Marcuschi (2008) corroborando com o pensamento bakhtiniano, assevera que, nas mais diferentes esferas da atividade humana, acerca dos gêneros discursivos, destaca que os gêneros são muito mais “famílias” de textos com uma série de semelhanças. Dessa forma, eles são eventos linguísticos, mas não se definem por características linguísticas e sim enquanto atividades sócio discursivas.

É importante salientar a forma como Marcuschi (2008) descreve os gêneros textuais. Para ele, os gêneros nos fazem perceber que os mesmos podem ser usados em qualquer situação de comunicação, passam por modificações de acordo com o tempo, aparecem ou desaparecem mediante à necessidade de comunicação demonstrando que a situação comunicativa é um fator dominante na modificação dos gêneros textuais.

Para analisar os gêneros temos que ter em vista a língua como contexto de ação sociointerativa e por esse lado os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas, sendo eles produtos da comunicação humana (BAKHTIN, 2008). Torna-se necessário assim, ter em mente que gênero e tipo textual são diferentes, mas ambos se completam, enquanto os gêneros são infinitos, os tipos são finitos. Para diferenciar os três conceitos Marcuschi (2008) afirma:

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas do que como textos materializados, a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de uma dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

É possível encontrar vários tipos textuais dentro de um único gênero textual devido às inúmeras possibilidades de construções textuais. Um texto é tipologicamente variado, sendo assim, é heterogêneo um gênero com diversos tipos de textos presentes na sua construção textual. Isso pode acontecer em todos os gêneros textuais demonstrando que os mesmos são constituídos por uma grande heterogeneidade tipológica.

Marcuschi (2008) assevera que os gêneros textuais são opostos aos tipos, pois não apresentam uma sequência linguística e não tem sua lista de exemplos constituída por apenas meia dúzia, os gêneros se constituem textos empiricamente realizados em situações comunicativas e possuem um número ilimitado de exemplos. Para nos comunicar utilizamos tanto os tipos textuais quanto os gêneros textuais, ambos são indispensáveis no processo comunicativo, desse modo, o domínio discurso é composto pela junção de gêneros e tipos textuais:

Domínio discursivo constitui muito mais “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas (discurso jurídico, discurso religioso, etc). Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que as vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder. (MARCUSCHI, 2008, p.155).

Visto desta forma, os textos são entidades comunicativas nas quais os discursos se realizam. Discurso por sua vez podemos designar como sendo um conjunto de ideias organizadas por meio da linguagem de forma a influir no raciocínio. Discurso é aquilo que um texto produz dentro de uma esfera discursiva.

Podemos compreender que gênero, tipo e domínio discursivo apresentam diferentes características, mas que existe uma inter-relação entre os três e que o sujeito seja capaz de dominar essas três categorias e utilizá-las nas mais diferentes situações comunicativas.

2.1 A necessidade do ensino de gêneros textuais em sala de aula

Fala e escrita como modalidades da língua devem ser desenvolvidas de forma a proporcionar uma melhoria para o uso mais adequado de ambas conforme os contextos reais em que a linguagem verbal seja imprescindível. A escola nesse contexto deve fazer com que o alunado reconheça que a fala não é uma representação da escrita, mas sim da língua. Assim, podemos perseguir a tese de que a melhor maneira de possibilitar um domínio em ambas as partes é a utilização dos gêneros textuais como práticas didáticas, pois os mesmos possuem um vasto acervo de exemplos tanto orais como escritos. Podemos compreender tais afirmações no seguinte trecho:

O estudo da natureza do enunciado e dos gêneros do discurso tem uma importância fundamental para superar as noções simplificadas acerca da vida

verbal, a que chamam de o "fluxo verbal", a comunicação, etc, [...]. Irei mais longe: o estudo do enunciado, em sua qualidade de unidade real da comunicação verbal, também deve permitir compreender melhor a natureza das unidades da língua (da língua como sistema): as palavras e as orações (BAKHTIN, 2000, p.287).

Os gêneros, como formas sócio comunicativas na atividade verbal ou escrita, são passíveis de mudanças e adaptações. Podem ainda ser adaptados ou mesmo criados de acordo com cada situação de ensino e aprendizagem, possibilitando uma maior interação entre discentes e docente, entre a escrita e a fala, ou seja, como Bakhtin bem aborda na afirmação acima, as noções de gêneros permitem a comunicação com que haja uma facilitação do “fluxo verbal”, a comunicação.

Diante da pluralidade e da possibilidade de se trabalhar os gêneros textuais no âmbito da sala de aula, o professor tem em mãos uma ferramenta didática que proporciona um desenvolvimento cognitivo do aluno de forma que o mesmo saberá adaptar seus enunciados em diversas situações comunicativas, já que foi trabalhado junto a ele uma diversidade de gêneros, tanto orais quanto escritos que proporcionou um desenvolvimento cognitivo. Na impossibilidade, em uma aula ou outra, de se ofertar aos alunos o gênero tal qual ele aparece e circula na sociedade, uma porta de entrada pode ser o livro didático que, é um suporte dos mais diversos gêneros textuais, como charges, tirinhas, fábulas, entre outros, de ambas as modalidades da língua. Segundo os PCNs, os textos devem ser trabalhados em sala de aula por meio de gêneros, sejam estes orais ou escritos. Sendo assim, o trabalho com gêneros textuais compromete-se com a execução de uma educação voltada para uma formação cidadã dos sujeitos, permitindo o desenvolvimento da competência discursiva do educando. Nessa perspectiva, os PCNs sugerem:

A aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento da capacidade intelectual e linguística dos alunos, oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua competência discursiva. Isso significa apreender a manipular os textos escritos variados e adequar o registro oral às situações interlocutivas (BRASIL, 1998, p. 30).

Consideramos, portanto, que levar os gêneros textuais para a sala de aula é essencial dos gêneros textuais é essencial em sala de aula, pois entendemos que com a abordagem adequada dos gêneros, os educandos poderão desenvolver suas capacidades cognitivas, sociais e linguístico-discursivas. Tais abordagens são perpassadas por fatores como: idade, nível escolar e a necessidade dos alunos, pois, é nesse sentido que o docente oferece um suporte de ensino que desenvolva a aprendizagem significativa. Para Moretto (2010, p.71),

“aprender é construir significados, e ensinar é oportunizar essa construção”. Diante destas afirmações, compreendemos, de modo geral, que o estudo dos gêneros textuais desenvolve a criatividade do aluno, como também a interação das competências comunicativas orais e escritas, possibilitando o contato com diversas tipologias textuais e aproveitamento das possibilidades de produção de textos pelos aprendizes.

A função social da escola vem se modificando junto a sociedade, demonstrando que esta deixou de estar voltada apenas para a formação de trabalhadores funcionais para o mercado de trabalho. Na atualidade, a sociedade exige que a escola forme cidadãos críticos e reflexivos que saibam manifestar sua opinião nas mais diversas situações em que eles sejam expostos. Entretanto, há em nosso ambiente educacional lacunas que precisam ser preenchidas para que o sistema da educação caminha no mínimo em paralelo com as mudanças tecnológicas, alguns exemplos dessas lacunas são o déficit de aprendizagem, baixo índice de leitura, má formação tanto de docentes como discentes, entre tantos outros problemas que permeiam nosso sistema educacional. Por ainda manter um currículo enrijecido numa perspectiva de um ensino tradicional e muitas vezes desconectado com a modernidade do mundo globalizado e da identidade cultural híbrida, mediante isto, é importante salientar que a escola é um espaço onde deve ser construído o conhecimento tanto por parte dos aprendizes como por parte dos docentes. Os PCNs abordam tais questões da seguinte forma:

Uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permitem a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos (BRASIL, 1998, p. 24).

Fazendo uma ponte entre a abordagem dos PCNs e a proposta do estudo dos gêneros textuais em sala de aula aqui discutida, podemos considerar que o estudo dos gêneros disponibiliza uma infinidade de formas que podem promover a interação comunicativa tanto oral quanto escrita dos alunos da Educação Básica em sala de aula. Pois, encontramos nessa pluralidade de gêneros uma grande possibilidade de se trabalhar a linguagem da melhor forma possível no ambiente educacional.

A pluralidade de gêneros que o aluno deve ter contato na escola, deve ser a mais ampla possível, porque somente assim haverá a possibilidade para que ele desenvolva uma diversidade de conhecimentos, pois o mesmo não está preso a uma única forma de aprender a língua, mas com ela e por ela se constrói. O erro, por vezes, cometido por um e outro professor do ensino de língua portuguesa é tratar a oralidade como uma mera representação da

escrita, ou que ambas são opostas, nessa perspectiva, os PCNs (1997, p.55) destacam: “circulam na escola a respeito da relação entre a modalidade oral e a escrita (é) imaginar a escrita como mera transposição do oral, ou tratar as especificidades de cada modalidade como polaridades.” O desenvolvimento de tais modalidades deve ocorrer de forma que proporcione uma aprendizagem significativa, e tal aprendizagem pode ser desenvolvida com a utilização dos gêneros textuais, uma vez que, os gêneros do discurso são conceituados como atividades sócio comunicativas e possuem características próprias, como também funcionalidade, formas e estilos.

A abordagem na aula de língua portuguesa desses gêneros podem ocorrer de diferentes formas como já foi mostreado anteriormente, um suporte que, a princípio, permite essa abordagem é o livro didático, pois, é formado por diversos gêneros, noções de gramática, além de conter em suas particularidades diversas formas de linguagem e escrita. Ao falarmos de linguagem, é bom lembrar o que determinam os PCNs (1998, p. 27):

Tomando-se a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem, as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva.

Tal abordagem demonstra que é dever do professor desenvolver aulas que estimulem o aluno à ampliar essas práticas discursivas. Para que isso seja feito, ele precisa fazer uso de textos que despertem o olhar crítico e também analítico dos educandos. Para os PCNs, a utilização de diversos textos é indispensável para um bom desenvolvimento do aluno, bem como é imprescindível a utilização dos gêneros.

Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero [...] Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, que são caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Podemos ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como: visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado Os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros, os quais dão forma aos textos. (BRASIL, 1998, p. 21, 22).

Por este caminho, o ensino de língua portuguesa deixa de ser visto como meras transições gramaticais nas quais só se abordam regras e funções da língua. O ensino de gramática é indispensável nas aulas de Português, mas o mesmo pode ser abordado de forma a levar o aluno a refletir de acordo com o contexto em que essas regras estão inseridas, levando em consideração a sua intenção comunicativa, a condição de produção dos discursos que estão sendo analisados, demonstrando mais uma vez que os gêneros textuais podem ser utilizados em todas as áreas do ensino de língua, levando o conteúdo que se está sendo trabalhado o mais próximo possível do cotidiano do alunado, fazendo com que este aprenda a se apoderar das estruturas discursivas da língua isto é, das infinitas “famílias” de textos.

3 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA E OS GÊNEROS TEXTUAIS NO PROCESSO DA ESCRITA

A escola é um ambiente no qual o estudante adentra para construir seus próprios conhecimentos. Este espaço deve lhe proporcionar mecanismos que priorizem o seu aprender e o seu desenvolvimento enquanto sujeito social capaz de modificar o meio no qual está inserido.

Ao adentrarmos no contexto educacional, percebemos que não é bem assim que funciona, uma vez que, muitas vezes o docente se depara com alunos que não dominam as habilidades que já deveriam estar desenvolvidas e articuladas cognitivamente, sendo que muitos não conseguem acompanhar ou não compreendem o que deve ser em uma e outra atividade escolar. É na disciplina de língua portuguesa, que os estudantes devem desenvolver suas habilidades de construção textual, de maneira tal que compreendem a dinâmica da elaboração de um texto, suas peculiaridades e mecanismos de elaboração textual, uma vez que estes obedecem a regras e estão inscritos nas estruturas/regras dos campos discursivos que circunscrevem os grupos dos gêneros textuais.

Seguindo este pensamento, a utilização de uma metodologia que busque o desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para formação de alunos críticos e reflexivos, se a um dos principais objetivos de um(a) professor(a) que tenha sua prática docente guiada, “que conduza o estudante ao desenvolvimento de conhecimentos sequenciados.”

Dolz et al (2010, p. 43) destaca em relação a sequência didática:

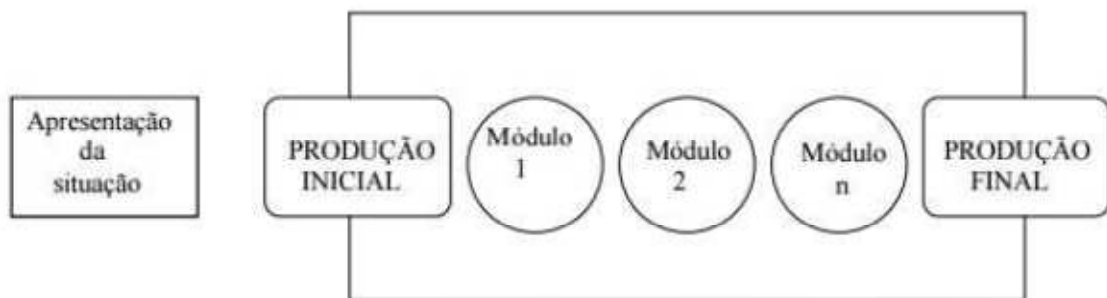
Ela se articula por meio de uma estratégia, válida tanto para a produção oral como para a escrita, chamada sequência didática, a saber, uma sequência de módulos de

ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem. As sequências didáticas instauram uma primeira relação entre um projeto de apropriação de uma prática de linguagem e os instrumentos que facilitam essa apropriação. Desse ponto de vista, elas buscam confrontar os alunos com práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros textuais, para lhes dar a possibilidade de reconstruí-las e delas se apropriarem. Essa reconstrução realiza-se graças à interação de três fatores: as especificidades das práticas de linguagem que são objeto de aprendizagem, as capacidades de linguagem dos aprendizes e as estratégias de ensino propostas pela sequência didática.

O processo da Sequência Didática envolve, assim, uma prática que possibilita a interação e a apropriação de algum aspecto da língua que o aprendiz precisa desenvolver. A utilização de um gênero textual para o processo da SD é uma estratégia de ensino voltada com o objetivo do progresso do aluno.

Toda SD é elaborada e planejada seguindo uma determinada ordem, a qual Dolz et al. (2004) denominam “estrutura de base”:

Figura 1 –Esquema da sequência didática



Fonte: Dolz et al. (2004, p. 83).

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a SD articula-se em três etapas: produção inicial; módulo e produção final, de maneira que a produção inicial é o primeiro contato que o discente tem com o texto, desta forma, este momento interfere na construção de saberes para o professor e para os aprendizes, visto que o aluno inicia sua produção e o professor começa a traçar o caminho da sua SD. Sendo assim, podemos compreender que a produção inicial permite que o objetivo inicial da SD seja formado, desta forma compreendemos que a SD começa pela definição do que é preciso trabalhar e esta definição é formulado a partir da produção inicial.

Assim, a sequência começa pela definição do que é preciso trabalhar, a fim de desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos que, apropriando-se dos

instrumentos próprios ao gênero, estarão mais preparados para realizar a produção final. (DOLZ et al, 2004, p. 102).

Esse primeiro olhar do docente acerca da produção inicial do aluno, permite que o mesmo perceba quais são os problemas recorrentes encontrados nos textos dos educandos, para analisá-los e trabalhá-los nos módulos seguintes, desta forma durante este primeiro processo o educador apropria-se do texto do educando.

Na segunda etapa da SD, o docente enfatiza quais as necessidades que os alunos possuem em relação ao momento de produção textual, podendo frisar os aspectos de cada gênero utilizado. Nesta etapa, o professor já está mais familiarizado com as produções dos educandos, conseguindo trazer para este momento sua contribuição.

O trabalho realizado durante esta segunda etapa pode ser elaborado de forma diversificada, com metodologias voltadas para o desenvolvimento das capacidades de produção textual do educando.

Em cada módulo, é muito importante propor atividades as mais diversificadas possível, dando, assim, a cada aluno, a possibilidade de ter acesso, por diferentes vias, às noções e aos instrumentos, aumentando, desse modo, suas chances de sucesso. (DOLZ et al, 2004, p. 105).

Posteriormente a estas duas etapas, chegamos a última etapa: a produção final, momento no qual o aluno coloca em prática os conhecimentos adquiridos durante o processo da SD, neste instante o docente poderá avaliar a aprendizagem dos estudantes. Desta forma, neste último processo o educador deverá ser capaz de analisar de acordo com os critérios adotados por ele no momento de início e fim da SD. De acordo com Dolz et al (2004, p. 83):

A “estrutura base” deve apresentar: apresentação da situação, que tem como finalidade mostrar aos alunos as etapas para a produção textual, sendo feitas perguntas, além da apresentação há também a primeira produção, que pode ser entendida como a primeira atividade relativa ao gênero estudado, esta pode ser realizada de forma oral e/ou escrita, ficando a critério do planejamento do professor, essa etapa é fundamental para a visualização do conhecimento, os módulos dão continuidade as atividades da SD, sendo divididos em três para auxiliar os alunos nas dificuldades apresentadas durante a primeira produção, sendo que um módulo está totalmente relacionado com o outro, a produção final é a culminância da SD, nesse sentido o aluno irá mostrar o que aprendeu durante todas as etapas realizadas.

Tomando portanto, como diretriz a utilização da SD em sala de aula temos a possibilidade para que o docente evidencie as necessidades que seus educandos possuem ao produzirem um texto, uma vez que ao ser utilizada a SD eles poderão conhecer diversos

gêneros textuais, possibilitando que eles compreendam a infinidade de gêneros que existem, além de conseguir distinguir diferentes tipologias textuais:

Ao explorar a diversidade textual, o professor aproxima o aluno das situações originais de produção dos textos não escolares. Essa aproximação proporciona condições para que o aprendiz compreenda o funcionamento dos gêneros textuais, apropriando-se, a partir disso, de suas peculiaridades, o que facilita o domínio que deverá ter sobre eles. Além disso, o trabalho com gênero contribui para o aprendizado de prática de leitura, de produção textual e de compreensão. (CALDAS 2008, p.35)

Partindo da compreensão que ao utilizar em sala de aula a SD, o educador conseguirá contribuir de forma positiva para o ensino e a aprendizagem da leitura/interpretação/escrita do aluno, pois a SD permite que ele realize a produção textual escrita, reescreva este texto e posteriormente de acordo com a metodologia do professor reconstrua de forma oral a sua produção. De maneira que, a SD é uma estratégia que aproxima o educando de diversos gêneros e tipos textuais, construindo um processo de aprendizagem significativo.

A SD tem como característica principal a sua forma sequencial, de maneira que cada atividade tem que ser pensada e planejada previamente, tendo como último processo a produção final. Desta forma, quando o aluno realiza cada etapa o mesmo tem a oportunidade de aprender os gêneros textuais de forma mais dinâmica, instigando uma curiosidade em participar de cada procedimento da SD, uma vez que, quando o docente elabora sua SD tendo em vista o seu alunado e suas características, o mesmo terá mais chances de despertar o interesse do educando pela aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo principal fazer um debate reflexivo sobre o uso dos gêneros textuais e das Sequências Didáticas no Ensino da Educação Básica. Ao utilizar diferentes gêneros textuais em sala de aula, o docente amplia o nível de leitura dos educandos, com isto possibilita que os mesmos tornem-se pessoas mais críticas e conscientes de um e outro aspecto da língua em uso, pois eles serão capazes de perceber que em torno de uma produção textual pairam contextos além dos aspectos puramente linguísticos.

A utilização do gênero textual em sala de aula possibilita que o educador tenha a disposição um leque de possibilidades para aperfeiçoar sua prática docente visando um aprendizado contextualizado com as práticas discursivas nas quais os textos circulam na sociedade, o ensino/aprendizagem, de maneira que trazer para o contexto da sala de aula essas

diversas maneiras de atuação, permite que o trabalho do educador tenha mais resultados, uma vez que o aluno terá contato com todas as informações necessárias a sua maior inserção em situações de comunicações reais e assim será capaz de construir seu conhecimento com base no que aprendeu durante este processo de aquisição do saber de modo progressivo tal qual trabalhado ao longo dos módulos da SD.

Na SD o educador interaja e com as produções textuais de seus alunos, conhecendo suas necessidades de aprendizagem e suas ações ao construir um texto. Este procedimento permite que o educador formule estratégias de ensino que dialoguem com as necessidades educacionais de seus educandos, com isto ao formular os módulos de uma SD o educador deve conhecer bem o que seu aluno precisa para “sanar” as deficiências aparecidas no texto da primeira etapa da SD.

Com isso, direciona-se os discentes para compreensão que o texto é um recurso que pode ser utilizado em várias ocasiões. A par destas implicações as contribuições do estudo com gêneros textuais são inúmeras.

Podemos concluir, enfim que a SD é uma estratégia de atuação que pode ser utilizada pelo professor na sala de aula como estratégia de ensino que busca o desenvolvimento do educando em atos de leitura, interpretação e escrita de textos, possibilitando que ele construa mecanismos capazes de modificar a forma como formula suas produções textuais e que o uso dos gêneros textuais nesse contexto são fundamentais para um ensino e uma aprendizagem contextualizados e situados numa pratica docente conectada com as necessidades da escola, do aluno e do professor.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa, área de linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

CALDAS, Lilian Kelly. **Trabalhando tipos/gêneros textuais em sala de aula: uma estratégia didática na perspectiva da mediação dialética**. Mosaico: São José do Rio Preto, 2008.

DOLZ, J. et al. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 81-108.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2009.

_____ **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualizações**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____ Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____ **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MORETTO, Vasco. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.